

E o Plano Piloto faltou

Enquanto o II Seminário de Cultura do Distrito Federal esteve apinhado de habitantes e eleitores das cidades-satélites que, inclusive, escolheram quatro representantes de Gama, Sobradinho, Ceilândia e Taguatinga para o Conselho Deliberativo da Fundação Cultural, o Plano Piloto foi, afinal, o grande ausente do encontro. Com poucos artistas, produtores e representantes, as duas asas do Distrito Federal permaneceram abaixadas durante os quatro dias.

E por que o Plano Piloto não foi? É provável que a classe artística que preenche, com seus trabalhos, as salas de espetáculo e as galerias de arte da cidade não acredite, ainda, que as discussões levadas a cabo no Seminário tenham uma influência direta sobre os seus trabalhos e que a escolha de conselheiros seja uma das espinhas dorsais da administração da verba pública que irá desembocar em suas próprias produções. Também pode ser levado em consideração o fato de que os artistas plantados no Plano Piloto ainda não encaram com seriedade e profissionalização de suas próprias carreiras, a ponto de desconhecerem a realização do Seminário. Finalmente, não se pode esquecer que, para estes artistas, deve ser uma tarefa absurdamente árdua levantar às 9h da manhã de dias como os sábados e os domingos apenas para discutir os rumos que sua profissão irá tomar.

Mas nem só a classe artística planopilotense foi o grande faltoso. O cineasta Pedro Jorge de Castro, professor de cinema e vídeo da Universidade de Brasília e pós-doutor em artes, lembrou que a UnB tinha a obrigação de estar presente. São suas palavras: "Gostaria que a Universidade estivesse presente não oficialmente, mas de maneira espontânea, verdadeira, empenhada, como fruto da mobilização".

Diante desta falta de empenho, espontaneidade, mobilização e verdade, Pedro Jorge ve a seguinte situação: "A Universidade de Brasília estende seus braços de extensão à Ceilândia, ao Paranoá, mas na hora de participar de um processo de pensamento, como este Seminário, ela se tira ou não se interessa. Mais do que interagir, ela está interessada em agir. A UnB ministra apenas o que ela entende que seja ministrável e não cria mecanismos capazes de sentir as demandas da sociedade".